

# VOU PERMANECER NAS BORDAS!

Cecília Loschiavo

Pensar a questão da Memória e Contemporaneidade e suas relações com o Design, particularmente com a pesquisa em Design.

Levando em conta que a pesquisa em Design no Brasil e no mundo ainda é recente, se comparada a outros campos de investigação, é importante refletir sobre a memória da pesquisa em nossa área. Reflexão no sentido de movimento sobre si mesmo, para interrogar sobre a natureza da pesquisa em Design: os motivos, as razões, o conteúdo, a intencionalidade.

Vivemos sob o império das fake news! Fake news é um tema que está em franco crescimento e, ainda, pouco observado pela comunidade acadêmica. Afinal de contas, a própria definição do termo é uma tarefa tormentosa para o cientista. De um lado, fake news nos remete à ideia da notícia falsa e, portanto, exige a fixação de um critério para a avaliação acerca da veracidade de determinada informação, além de depender também da forma, do conteúdo e da circulação dessa notícia. Não existe um consenso sobre o conceito de fake news. Inúmeras possibilidades para definir o seu sentido são oferecidas pela literatura: pós-verdade; informação enganosa; informação falsa; impacto da desinformação no âmbito decisório entre outras.

Atualmente, em tempos de comunicação ligeira quando se pensa em pesquisa, logo vem à mente a pesquisa de opinião, pesquisa de mercado, que indicam as preferências dos consumidores para se montar estratégias de marketing. É bom lembrar que as indagações da pesquisa em Design se realizam sobre outras bases, afinal nosso campo de conhecimento se constitui em uma ciência social aplicada, o que significa dizer

que trabalha sobre uma dupla racionalidade, combinando a racionalidade técnico-físico-matemática com a racionalidade das ciências que têm por objeto o homem. É dentro deste contexto que realizamos pesquisa, aí se encontram os desafios epistemológicos que o Design enfrenta no âmbito da teoria da ciência.

O Design realiza o diálogo transformador entre o paradigma matemático de explicação dos fenômenos físicos e o paradigma social de compreensão dos fenômenos sociais. Trata-se da distinção entre Explicar (*Erklären*) e Compreender (*Verstehen*).

A racionalidade técnica está preocupada em explicar. A racionalidade das ciências humanas está preocupada em compreender a realidade dos fenômenos sociais. A ciência social aplicada, Design/Arquitetura, necessita compreender os fenômenos sociais para intervir e o designer/arquiteto integra e têm a habilidade de participar de seu próprio objeto de estudo e intervenção. Fornece conhecimentos críticos – fornece princípios, visões e competência de análise crítica.

Trata-se de conhecer o universo humano para o qual se projeta. Coloca-se aqui, como para todas as ciências humanas, o principal desafio : *“como fazer do sujeito um objeto, sem deixar de conhecê-lo como sujeito?”* (LEOPOLDO E SILVA, Franklin)

Qual a agenda da pesquisa em design contemporaneamente?

- Como se estabelece a formação da agenda projetual no século em que vivemos?
- Quais os condicionantes?
- Crescimento espantoso dos índices de pobreza rural e urbana/ Exclusão Sócio-Espacial;
- Escassez de recursos/ Crescimento populacional desenfreado.
- Neste cenário a importância:
- A questão da profissionalidade;

- Definir o tipo de designer/arquiteto que queremos formar e quais as competências profissionais que ele necessita;
- Definir qual tipo de capacidade de resposta de projeto que o designer/arquiteto formulará;
- O compromisso social, a apreensão crítica da realidade e sua transformação.

#### Profissionalidade e Competências:

- Não é exagero afirmar que atualmente há um processo de macdonaldização do ensino superior (em todos os níveis) preço baixo, sacia a fome, mas o cardápio é restrito, o valor nutricional questionável e provoca obesidade;
- Nesse contexto a necessidade de estabelecer e cultivar noções precisas de profissionalidade e de competências, para além da banalização / o papel das universidades públicas;
- Necessidade de alargamento do conceito de profissionalidade.
- Como realizar este alargamento?
- Trata-se de definir qual o papel das disciplinas teórico-críticas;
- Essas disciplinas não são auxiliares, mas aumentam o grau de compreensão da realidade no qual o designer vai atuar e de sua própria atuação;
- Caráter experimental da didática;
- Fomento das relações entre pesquisa e ensino.

É importante reconsiderar Maldonado pois o processo de banalização provoca efeitos devastadores: *“quando há falta de definição, nenhuma ação coerente é possível”* (MALDONADO, 2000). Creio que a banalização, o uso indiscriminado e inflacionado da palavra design, ou como afirma Hal Foster em *from jeans to genes*, implicam na negação do design como agente civilizador, promotor de mudança e é esse aspecto que considero definidor para o paradigma do design.

Para Gui Bonsiepe (2007):

"a popularização do termo design durante a década passada, não só nas regiões que falam inglês, e o uso mais ou menos inflacionário tornou a palavra design um termo lugar comum que se libertou ele próprio da categoria de projeto, atingindo agora um tipo de existência autônoma"

No contexto atual do hiper-consumo, onde todos os produtos parecem já terem sido criados e produzidos (JEUDY, 1999), onde coexiste o abismo talvez insuperável entre a riqueza e a pobreza absoluta é fundamental retomar o sentido do design como projeto e a relação entre design e civilização.

A des-banalização implica em revisitar as contribuições teóricas pluralistas. De Recife, a voz deste brilhante filho da terra (Aloísio Magalhães) nos ensinou que o Desenho Industrial:

" (...) Não dispondo nem detendo um saber próprio, utiliza vários saberes, procura sobretudo compatibilizar aqueles saberes que se ocupam da racionalização e da medida exata – os que dizem respeito à ciência e à tecnologia – e de outro, daqueles que auscultam a vocação e a aspiração dos indivíduos – os que compõem o conjunto das ciências humanas".

Ele se refere ao trânsito da pedra lascada ao computador e se pergunta – Não estarão aí algumas indicações para uma re-conceitualização da atividade? Não será essa a tarefa que devemos fazer? (MAGALHÃES, 1977).